

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

SILVANA BEATRIZ CIPRIANO MICHELS

**RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO: A IMPORTÂNCIA DA
AFETIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR**

**Porto Alegre
2010**

SILVANA BEATRIZ CIPRIANO MICHELS

**RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO: A IMPORTÂNCIA DA
AFETIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial e obrigatório para aprovação no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACHED/UFRGS.

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Gláucia R. R. de Souza

Tutora:
Letícia Schmarczek Figueiredo

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, quero agradecer...

...a Deus, que me escutou, me amparou e me guia em todos os momentos da minha vida.

...a meu filho, que soube entender minha ausência em tantos momentos, que me deu força e incentivo para seguir em frente nas horas em que tive vontade de desistir. Que é a minha inspiração, meu amor maior, meu tudo. Valeu Gui!

...ao meu esposo, meu companheiro, que sempre esteve ao meu lado, nos bons e maus momentos, me apoiando e me ajudando nesta caminhada.

...a meus pais, que, cada um com seu jeito, me ensinaram a ser o que sou hoje. Me mostraram o mundo, me deram e continuam dando muito amor, e estão sempre prontos para me acolher. Pessoas das quais me orgulho profundamente, pois sempre cultivaram os melhores valores, e souberam transmitir isso, fazendo com que crescêssemos pessoas entendendo a importância do amor, da amizade, da solidariedade, do respeito...

...a minha tia, minha amiga, que agüentou minhas reclamações e meus choros, que compartilhou comigo muitos momentos importantes nesses últimos anos, e que está sempre pronta para me escutar e me ajudar.

... a minha avó, que não está mais entre nós, que foi minha amiga e um pouco mãe...sei que estás feliz por mim!

...e a tantas outras pessoas, tão importantes, que amo muito, e que estiveram ao meu lado durante esses anos.

*Não sei se a vida é curta ou longa para nós,
mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não
tocarmos o coração das pessoas.
Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve,
palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria
que contagia, lágrima que corre,
olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove.
E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela não seja nem curta,
nem longa demais, mas que seja intensa,
verdadeira, pura enquanto durar. Feliz
aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.*

Cora Coralina

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo principal refletirmos sobre a relação entre professores e alunos na Educação de Jovens e Adultos. Ele foi realizado a partir do estágio curricular ocorrido entre os meses de abril e julho de 2010, em uma turma de Jovens e Adultos, de uma escola municipal de São Leopoldo – RS. Neste trabalho, pretendo mostrar a importância do relacionamento afetivo em sala de aula. Através da parte teórica, especialmente nas teorias de Vygotsky e Wallon, percebemos a importância do meio no desenvolvimento dos sujeitos, como a afetividade está presente nas relações, e tem influência direta na auto-estima e na aprendizagem dos alunos. Com as práticas em sala de aula e pesquisa com os alunos da EJA apresentadas aqui, observamos que um bom relacionamento no ambiente escolar, onde os sentimentos como respeito, carinho, amizade estejam presentes, trará aos sujeitos maiores oportunidades de desenvolvimento, pois nos seres humanos a razão e a emoção caminham lado a lado, e a aprendizagem acontece mais facilmente em um ambiente agradável, onde as relações são harmoniosas e afetivas.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Relacionamento. Afetividade. Sentimentos. Ensino. Aprendizagem.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 SOBRE RELACIONAMENTO PROFESSOR/ALUNO, AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM.....	10
3 EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO.....	20
4 PESQUISA: RELAÇÃO PROFESSOR / ALUNO NAS SALAS DE AULAS DA EJA.....	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	31
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS DA EJA.....	34

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema central a relação entre professor e alunos na educação de jovens e adultos. Tem como objetivo identificar e explorar os aspectos positivos de uma relação afetiva entre alunos e professores em sala de aula, e a sua importância no processo ensino-aprendizagem dos alunos pertencentes a essa etapa da educação.

Fui motivada a pesquisar sobre esse tema devido às experiências que tive durante meu estágio curricular na educação de jovens e adultos, que ocorreu nos meses de abril, maio e junho passados, em uma escola da rede municipal de educação do município de São Leopoldo – RS.

Foram os alunos da EJA dessa escola que me auxiliaram nessa pesquisa, respondendo ao questionário, que aparece a seguir, e participando de atividades propostas durante o período de estágio, quando pude observar, analisar e tirar conclusões importantes para fundamentar esse trabalho.

Contudo, antes de introduzir a questão da afetividade, é fundamental compreender essa modalidade de ensino e os sujeitos que a compõe. É necessário compreender que os adultos são diferentes das crianças, e que fazem parte de uma educação que exige uma adequação da escola e do trabalho pedagógico do professor à sua vida e as suas necessidades.

O aluno da Educação de Jovens e Adultos não é uma pessoa que está fazendo um curso de aperfeiçoamento, nem uma formação continuada, mas sim indivíduos vindos de famílias de baixa renda, filhos de pais que tampouco estudaram. Muitos desistiram dos estudos por necessidade de trabalho para auxiliar em casa, por vontade própria, ou até por não conseguirem acompanhar as aulas na época certa. Esse adulto que retorna à sala de aula após tanto tempo passado, já está inserido no mercado de trabalho e traz consigo uma grande bagagem de

experiências vividas ao longo de sua história. Tem diferentes e muitas habilidades, porém algumas dificuldades, além de sentir-se inferior e incapaz.

Os alunos tem vergonha de freqüentar a escola depois de adultos e muitas vezes pensam que serão os únicos adultos em classes de crianças, sentindo-se por isso humilhados e tornando-se inseguros quanto a sua própria capacidade de aprender. (OLIVEIRA, 1999, p. 59).

Sabendo-se que educar é muito mais do que reunir pessoas numa sala e transmitir conteúdos prontos, o papel do professor da educação de jovens e adultos é estar atento a realidade dos seus alunos, compreendendo suas dificuldades, seus conflitos e acreditando nas suas possibilidades.

A educação de jovens e adultos requer do educador conhecimentos específicos no que diz respeito ao conteúdo, metodologia, avaliação, atendimento, entre outros, para trabalhar com essa clientela heterogênea e tão diversificada culturalmente. (ARBACHE, 2001, p. 19).

Por ser uma modalidade de ensino tão especial, com características tão diferenciadas, em que e os alunos vivenciam problemas de preconceito, vergonha, discriminação, baixa auto-estima, é importante que o professor da Educação de Jovens e Adultos também seja uma pessoa especial, capaz de identificar o potencial de cada aluno, valorizando suas habilidades, a cultura que esse traz consigo. Deve perceber seu aluno como um sujeito pensante, cheio de capacidades e idéias, que se apresentam no dia-a-dia em conversas em sala de aula, ser um aliado do educando, e não um “doutor”, arrogante, pois neste caso o aluno se sentirá diminuído e inferior. O aluno adulto tem muito a contribuir no processo de ensino-aprendizagem, não só por ser trabalhador, mas pelas ações que exerce na família e na sociedade.

A educação é um ‘processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro’. (MATURANA, 2001, p. 29).

Logo, a educação é um processo que se dá no mundo de convivência, porém, ao mesmo tempo, ocorre no interior do indivíduo.

Atualmente já sabemos da importância da afetividade para o aspecto cognitivo do educando, por isso cabe também ao professor ser responsável pelo

bom relacionamento em sua sala de aula, criando um ambiente onde todos se sintam à vontade e seguros para expressar seus pensamentos e ideias, favorecendo assim a aprendizagem.

Pensando na importância da postura do professor em sala de aula, nas consequências que seus atos trazem ao ambiente escolar, a aprendizagem e a própria postura dos alunos, é que escolhi esse tema. A pergunta principal, que norteia meu trabalho de pesquisa, é “Qual a importância do bom relacionamento entre professor e alunos nas turmas de Educação de Jovens e Adultos, e como esse relacionamento influencia na melhoria da aprendizagem dos alunos?”. Porém, muitas outras perguntas surgem no desenvolver do tema inicial, que me apontam o caminho a seguir, o que devo observar, para obter sucesso na minha pesquisa. Alguns exemplos dessas perguntas são: – “Um bom ambiente escolar, mesmo sendo de adultos, influencia na aprendizagem dos alunos?”, – “As atitudes positivas do professor auxiliam e melhoram a auto-estima do aluno, vindo com isso auxiliar no seu desenvolvimento?”, – “Propiciar um ambiente de união e amizade estimula o aluno a frequentar com mais assiduidade as aulas?” – “Além dos problemas que traz da sua vida particular, como emprego, família, dinheiro, etc., que outros motivos fazem o aluno da Educação de Jovens e Adultos desistir de participar das aulas e deixar os estudos?”

É importante, relatar, também, um fato que ocorreu em minha sala de aula da EJA, nos meus primeiros dias de estágio, que me fez repensar meu papel de professora daqueles sujeitos, que chegavam à escola a noite, cansados, com seus problemas e conflitos. Uma das minhas alunas, uma senhora, trabalhadora, de aproximadamente 50 anos, questionada por mim sobre o porquê de vir de tão longe quando havia uma escola com EJA mais próxima a sua casa, me respondeu: *“Naquela escola só tem professora mal humorada, entravam na sala reclamando que estavam cansadas, diziam que prefeririam estar em casa, não ensinavam nada, era muito ruim”*¹.

Daquele dia em diante, passei a policiar minhas atitudes muito mais. Percebi a importância de estar bem, de mostrar aos meus alunos meu ser alegre, disposto, de bem com a vida, para transmitir a eles essa alegria, essa disposição e a vontade de seguir em frente.

¹ À fim de preservar a identidade da aluna, não a identificaremos.

2 SOBRE RELACIONAMENTO PROFESSOR/ALUNO, AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM

A aprendizagem é um processo. Durante a aprendizagem acontece uma mudança no comportamento do sujeito, resultado de novas experiências que vão sendo construídas pelos fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. O professor é co-autor desta mudança e da aprendizagem dos alunos, e sua postura é fundamental no bom andamento deste processo. Como mediador, deve intervir para promover aprendizagens, com diálogo, colaboração e criatividade.

Neste enfoque, o conhecimento é construído e reconstruído, continuamente, assim como a educação, que, quando construída pelo sujeito da aprendizagem, se torna mais significativo, pois acontece com participação e interatividade.

A educação, quando acontece com interatividade, propicia aos educandos um espaço novo de diálogo, de problematização e de construção de saber, onde alunos e professor são sujeitos da aprendizagem.

Além de possuir elementos enriquecedores do pensamento na formação intelectual do aluno, como: pensamento lógico, exercício criativo da intuição, imaginação e dos raciocínios por indução e analogia, a educação é formadora também do seu caráter.

No que diz respeito aos alunos adultos, na modalidade da EJA, a aprendizagem não é diferente. O funcionamento intelectual do adulto acontece como o da criança, e o conhecimento é construído, diariamente e constantemente.

As pessoas humanas mantêm um bom nível de competência cognitiva até uma idade avançada (desde logo, acima dos 75 anos). Os psicólogos evolutivos estão, por outro lado, cada vez mais convencidos de que o que determina o nível de competência cognitiva das pessoas mais velhas não é a idade em si mesma, quanto uma série de fatores de natureza diversa. Entre esses fatores podem-se destacar, como muito importantes, o nível de saúde, o nível educativo e cultural, a experiência profissional e o tônus vital

da pessoa (sua motivação, seu bem-estar psicológico...). (PALACIOS, 1995, p. 312).

O adulto, por já estar inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais, tem uma relação com a aprendizagem que levam em conta toda a sua experiência, as habilidades e as dificuldades que esse traz consigo. Em comparação com a criança, o adulto provavelmente possui maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagens.

Porém, é importante mencionar aspectos que influenciam negativamente a aprendizagem do adulto. Os alunos, principalmente os mais velhos, demonstram um desconforto pessoal, sentem-se envergonhados, inferiores, e são extremamente inseguros quanto a sua própria capacidade de aprender. Além de que chegam à aula, à noite, cansados de um dia de trabalho, com preocupações familiares, financeiras, psicologicamente abalados, o que diminui, assim, sua capacidade de concentração e raciocínio.

Na minha experiência, pude testemunhar o que já havia lido nos textos e nos livros durante minha formação. Meus alunos da Educação de Jovens e Adultos eram pessoas maravilhosas, cheias de histórias de vida, de vivências e de habilidades, porém não se enxergavam como tal, mas sim como sujeitos atrasados, “burros” e que não iriam conseguir aprender. Na primeira semana tinham medo até de falar, e só com o tempo, através de um trabalho de conscientização e de valorização de cada um, é que os resultados começaram a aparecer:

“Eu me sinto como uma criança que está indo para a escola. No começo teve um dia em que eu cheguei em casa e chorei muito. Tive medo de não conseguir aprender. Depois descobri que havia colegas que sabiam menos e que eu poderia ajudá-los”. (Texto da aluna Sueli Gomes Lopes, 47 anos)².

As experiências adquiridas e vividas no dia-a-dia escolar numa sala de jovens e adultos são ímpares, e somente quem as vive pode relatá-las com profundidade.

A aprendizagem deve partir do conhecimento dos alunos, das experiências por eles vividas, problematizando esse conhecimento acumulado pelos anos, recriando-o. Para Freire (1999, p. 77), respeitar os saberes com que os educandos

² Texto de aluna da Associação de Moradores do loteamento Timbaúva, publicado no “Palavra de Trabalhador”, p. 6. out. 1997. Livro: Falando de nós: o SEJA. Pesquisa participante em Educação de Jovens e Adultos. Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Secretaria Municipal de Educação, 1998.

chegam à escola e discutir com eles a razão de ser desses saberes através dos conteúdos trabalhados é uma forma de conseguir a adesão e o gosto pela aprendizagem por parte dos alunos, além de tornar mais fácil a tarefa do professor.

É impossível ensinarmos conteúdos sem saber como pensam os alunos no seu contexto real, na sua cotidianidade. Sem saber o que eles sabem independentemente da escola para que os ajudemos a saber melhor o que já sabem, de um lado e, de outro, a partir daí, ensinar-lhes o que ainda não sabem. (FREIRE, 1999, p. 105).

Os alunos mais velhos sentem que o passado não está perdido, refletem e transformam os seus saberes. Sentem com isso prazer em estar na escola, pois são valorizados e se sentem engrandecidos.

[...] para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos – mas a devolução organizada, sistematizada, acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. (FREIRE, 1987, p. 97).

O aluno da EJA deve gostar de estar na sala de aula, ele precisa ser acolhido, para só assim acontecer um crescimento. Professor e alunos são, portanto sujeitos de um processo em que crescem juntos, porque, nas palavras de Freire (1987, p. 53) “[...] ninguém educa ninguém, ninguém se educa, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

A auto-estima deve ser trabalhada diariamente na sala de aula e é de fundamental importância para a permanência dos alunos em seus estudos. Quando positiva, momento em que a pessoa tem uma boa imagem de si mesma acredita e confia nas suas habilidades, ela ajuda a superar dificuldades, a lidar bem com os desafios. Quando negativa, e a pessoa não acredita no seu potencial, se acha incapaz e pensa que não consegue fazer as coisas direito, prejudica muitíssimo o seu desenvolvimento. A auto-estima está intimamente relacionada com o processo de desenvolvimento da personalidade do indivíduo, pois é a fonte da segurança, conforto e confiança para encarar o que a vida apresenta.

Segundo Kathleen Haywood e Nancy Getchell (2004), a auto-estima é nosso julgamento pessoal a respeito da capacidade própria, significância, sucesso e valor, a qual transmitimos aos outros por meio de palavras e ações. Penso, portanto, poder afirmar que até pessoas leigas no assunto observam diferenças comportamentais

entre pessoas de baixa alta-estima e de alta. As primeiras tendem a ser passivas, negativas e desacreditadas do seu potencial, enquanto as outras são mais alegres, otimistas e dinâmicas, parecem estar popularmente dizendo “de bem com a vida”.

Na escola, é o professor que tem o contato direto com esses alunos e suas características diversas, por isso cabe a ele oferecer a atenção devida a esses, fazendo com que o seu amor-próprio seja solidificado, pois faz parte do processo de aprendizagem da vida e é o sentimento obrigatório para uma existência satisfatória. Um relacionamento de amizade, companheirismo e afeto, entre o professor e os alunos é essencial, para que os alunos se sintam a vontade e seguros de expor suas idéias e dúvidas.

O professor, em sala de aula, exerce um papel de “mediador e incentivador”, deve estar motivado a ensinar, ser um incentivador na construção do saber.

O conhecimento não se produz em intenção daqueles que acreditam ser seus detentores, quer com caneta, quer com voz. Ele se produz no processo de interação, entre o escritor e o leitor, no momento em que se encontram em sala de aula. O conhecimento não é tanto aquilo que se oferece, quanto aquilo que é compreendido. (LUSTED, 1986, p. 4-5).

O professor, como líder, é responsável pelo bom relacionamento da turma. A sua influencia na sala de aula é muito grande, portanto, um clima que favoreça ou desfavoreça o bom relacionamento e a aprendizagem depende principalmente dele.

Até algum tempo atrás, as pesquisas na área da educação voltavam-se quase que exclusivamente para o aspecto cognitivo, porém novas pesquisas têm demonstrado a importância da dimensão afetiva no contexto escolar. Estas pesquisas, mais recentes, rompem com a visão dualista que separava a razão da emoção, impedindo uma compreensão do ser humano em sua totalidade, e admitem que as dimensões afetiva e cognitiva são indissociáveis no processo de desenvolvimento do ser humano.

Falar de afetividade e de aprendizagem é falar da essência da vida humana, que, por natureza social, construiu-se na relação professor/alunos, num contexto de inter-relações.

Falar sobre afetividade em uma sala de aula da Educação de Jovens e Adultos implica trilharmos um caminho intrigante, que envolve processos psicológicos difíceis de serem percebidos e desvendados.

O educando da EJA tem grande necessidade de ser ouvido, acolhido e valorizado, contribuindo com isso para que esse desenvolva uma boa imagem de si mesmo. Neste sentido, a afetividade está intimamente ligada à construção, ou à simples melhoria de sua auto-estima. Sendo assim, a relação entre professor e aluno deve ser a mais próxima possível, pautada em partilha de sentimentos e respeito mútuo. O afeto é o principal norteador da auto-estima.

Percebemos que a afetividade é território das emoções e dos sentimentos, e que a aprendizagem é o território do conhecimento e da descoberta, porém, no espaço da sala de aula da EJA, não podemos separar esses dois aspectos, que juntos se mostram tão importantes para o desenvolvimento do aluno.

Com a finalidade de auxiliar no entendimento dessas questões, achamos pertinente trazer algumas definições, que trarão maior clareza as colocações a seguir.

Segundo o Dicionário Aurélio (2010, online), temos as seguintes definições:

Afetividade – Psicologia Conjunto dos fenômenos afetivos (tendências, emoções, sentimentos, paixões etc.). / Força constituída por esses fenômenos, no íntimo de um caráter individual. (p. 01).

Sentimento – Ato ou efeito de sentir. / Aptidão para sentir; sensibilidade. / Sensação íntima, afeto: os sentimentos de um pai. / Conhecimento imediato; intuição: tem o sentimento de seu valor. / Dor, mágoa, desgosto. / pl.: Qualidades ou tendências morais: estar animado de bons sentimentos. / Pêsames: aceite meus sentimentos. (p. 01).

Emoção - Abalo moral ou afetivo; perturbação, geralmente passageira, provocada por algum fato que afeta o nosso espírito (boa ou má notícia, surpresa, perigo): a homenagem causou-lhe grande emoção. (p. 01).

Aprendizagem - Ação de aprender; aprendizado. / Tempo durante o qual se aprende. / Psicologia Método que consiste em estabelecer conexões entre certos estímulos e determinadas respostas, cujo resultado é aumentar a adaptação do ser vivo ao seu ambiente. (p. 01).

A sala de aula é um espaço de vivência, de convivência e de relações pedagógicas, espaço construído pela diversidade e heterogeneidade de ideias, valores e crenças. É espaço de formação humana, onde o ensinar/aprender é desenvolvido no vínculo do afeto e das trocas de experiências cotidianas, que são vivenciadas pelo grupo.

Não é comum valorizarmos as emoções em sala de aula, pois muitas vezes não percebemos que a razão e a emoção caminham lado a lado. Damásio, em seus estudos aponta a importância da emoção nas relações “[...] não é verdade que a

razão opere vantajosamente sem influência da emoção. Pelo contrário, é provável que a emoção auxilie o raciocínio, em especial quando se trata de questões pessoais e sociais que envolvem risco e conflito”. (DAMÁSIO, 2000, p. 63).

Não se pode negar que nosso desenvolvimento intelectual é formado por dois componentes: o cognitivo e o emocional, e que nossas atividades estão associadas aos nossos interesses e vontades. O “gostar” e o “não gostar” são exemplos poderosos e comuns de afetividade, que afetam também as atividades intelectuais.

Observando a sala de aula da EJA, percebemos alunos que se interessam mais por um assunto trabalhado, outros por outro, participando mais, tendo mais segurança, provando que o “gostar de” influência diretamente no processo de aprendizagem.

Assim também ocorre em relação ao professor. O professor que concebe a relação professor/aluno não a reduzindo apenas ao processo cognitivo, mas envolvendo também as discussões afetivas e sociais, não responsabilizando apenas o aluno de demonstrar afetividade e respeito, que em sua prática pedagógica valoriza seus alunos, respeita suas ideias, escuta suas histórias, demonstra amizade e afeto, tem como retorno maior aprovação e conseqüentemente melhores resultados. Freire entende que o professor deve envolver-se, ser aberto, afetivo com seus alunos e coloca: “Como ser educador, se não envolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem eu me comprometo e o próprio processo formador de que eu sou parte?” (FREIRE, 1999, p. 75).

Até o século XX predominava a visão dualista do ser humano, em que a razão e a emoção eram vistas separadamente. Estudiosos afirmam que esta visão efetivou uma supremacia da razão sobre a emoção, e as instituições educacionais, com destaque para a família e as escolas, tiveram um papel fundamental nesta prática.

A partir do século XX surgiram novas concepções teóricas centradas nos determinantes culturais, históricos e sociais da condição humana, o que favoreceu uma nova compreensão das dimensões afetivas no desenvolvimento do ser humano. Os estudos nos mostraram que não há adversidade/conflito entre razão e emoção, mas que são duas realidades distintas que se completam dentro de uma mesma estrutura chamada ser humano. (CARVALHO, 2009, p. 2).

A partir de então afetividade e cognição passam a ser interpretadas como dimensões indivisíveis, não sendo aceitável analisá-las e trabalhá-las separadamente.

Neste sentido, Damásio (2001) rompe com a idéia de mente separada do corpo e aponta que, talvez a famosa frase filosófica – “*Penso, logo existo*” – devesse ser substituída pela – “*Existo e sinto, logo penso*”, numa inversão da supremacia da razão sobre a emoção.

Alguns autores tem sido importantes na construção de uma base teórica que fundamente a importância da afetividade na construção do conhecimento, através do processo ensino-aprendizagem. Neste sentido, dois autores se sobressaem e embasam minha pesquisa: Henri Wallon (2010) e Lev Vygotsky (1999; 2010).

Wallon propõe em sua teoria o estudo da pessoa completa, tanto em relação a seu caráter cognitivo quanto ao caráter afetivo e motor. Para ele, a cognição é importante, mas não mais importante que a afetividade ou a motricidade. A cognição esta alicerçada em quatro campos funcionais: o movimento, a afetividade, a inteligência e a pessoa.

Para Wallon “a emoção é o primeiro e o mais forte vínculo que se estabelece entre o bebê e a pessoa do ambiente, constituindo as primeiras manifestações de estados subjetivos com componentes orgânicos”. (apud LEITE, 2006, p. 20). Portanto, já no início da vida, as emoções têm a função de garantir as necessidades básicas, mas vão se transformando em movimentos expressivos em função da pessoa do meio social.

Para Wallon (2010) o fator orgânico é a primeira condição para o desenvolvimento do pensamento, ressalta, porém a importância do meio, pois o homem seria, o resultado de influências sociais e fisiológicas.

Wallon (2010) define desenvolvimento como o processo pelo qual o individuo surge de um estado de completa imersão social.

Afirma que o desenvolvimento acontece em estágios, porém sem uma linha linear e fixa, e que o estágio posterior amplia e reformula os anteriores. Diz ainda que os estágios se sucedam de maneira que momentos predominantemente afetivos são sucedidos por momentos predominantemente cognitivos. Nos períodos afetivos ocorrem desenvolvimentos na construção do eu, enquanto nos estágios com predominância cognitiva acontece a construção do real e compreensão do mundo físico.

Wallon (2010) afirma que estes ciclos não se encerram, mas perduram pela vida toda, uma vez que a emoção sobrepõe-se à razão quando o individuo se depara com o desconhecido. Os estágios de desenvolvimento nunca se encerram,

sempre haverá um novo estágio no momento em que o sujeito se depara com o novo, onde este passa a sofrer manifestações afetivas e emotivas que o levarão a um processo de adaptação e aprendizagem.

A afetividade é o elemento mediador das relações sociais e as emoções são para Wallon a base do desenvolvimento do terceiro campo funcional, a inteligência.

Vygotsky (1999), ao destacar a importância das interações sociais, traz a ideia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Portanto, é a partir de sua inserção na cultura que a criança, através da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo.

Segundo o autor, o processo de internalização envolve uma série de transformações que colocam em relação o social e o individual. Afirma que "todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois no nível individual; primeiro entre pessoas, e, depois, no interior da criança". (VYGOTSKY, 1999, p. 64). Partindo desse pressuposto, o papel do outro no processo de aprendizagem torna-se fundamental. Conseqüentemente, a mediação e a qualidade das interações sociais ganham destaque. Por isso a importância do aluno interagir com os colegas, com seus familiares e com os professores.

Para Vygotsky (1999) a vida emocional está intimamente ligada a outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de um modo geral. Segundo ele, na psicologia, o capítulo das emoções sempre foi considerado a "ovelha-negra" entre os outros assuntos tratados pela ciência. "Sempre, sim, buscou-se mostrar como devem ser reprimidas, debilitadas, eliminadas as descargas emocionais" (VYGOTSKY, 1999, p. 26). A afetividade humana encontra-se, para ele, entre as funções psicológicas superiores.

O autor também chama atenção para o papel das necessidades, da vontade, dos motivos e da personalidade no processo de desenvolvimento. Os motivos são extremamente importantes na discussão cognição-afeto, já que o pensamento é gerado em grande medida pela motivação, e conseqüentemente pela emoção.

Segundo Sergio Leite (2006) existem pontos comuns entre as duas teorias,

de Vygotsky e Wallon, em relação a afetividade:

- Assumem que as manifestações, inicialmente orgânicas, vão ganhando complexidade a medida que o indivíduo desenvolve-se na cultura, passando a atuar no universo simbólico, ampliando-se suas formas de manifestação.
- Assumem, pois o caráter social da afetividade.
- Assumem que a relação entre afetividade e inteligência é fundamental para o processo de desenvolvimento humano. (LEITE, 2006, p. 24).

Existe uma grande divergência entre os conceitos dos fenômenos afetivos. Nos livros geralmente encontramos como sinônimos os termos afeto, emoção e sentimento. Entretanto, na maior parte dos casos, o termo emoção está mais ligado aos fenômenos biológicos do comportamento humano, referindo-se a uma reação de ordem física, como uma agitação por exemplo. Já quando se usa o termo afetividade, refere-se a uma significação mais ampla, envolvendo as vivências humanas, suas formas de expressão.

Todos os indivíduos, desde recém nascidos possuem um sentimento de afetividade, e, dependendo do ambiente e de suas relações, surgem emoções que geram diferentes tipos de sentimentos.

Na escola, em sala de aula, muitas vezes ignoramos a importância da afetividade nos nossos alunos. Mas se observarmos essa importância, perceberemos que existe uma forte relação entre afetividade e inteligência, pois esses dois aspectos se estendem ao desenvolvimento do indivíduo. Nas relações humanas, os estímulos cognitivos e afetivos são extremamente importantes para a construção do sujeito. Toda a atividade que for desenvolvida pelo professor, e que tiver envolvimento afetivo, trará a seus alunos, independentemente da idade desse aluno, uma enorme contribuição para o seu desenvolvimento.

Diante disso, entendemos que as relações que ocorrem no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos, e que as relações afetivas são fundamentais, auxiliando na interação das pessoas, o que é essencial o desenvolvimento de todos.

Podemos pressupor que as interações entre alunos e professores, seja em uma turma de séries iniciais do ensino regular ou da Educação de Jovens e Adultos, também ocorram baseadas no respeito e afeto, e que essa relação pessoa a pessoa influencia positivamente o processo de construção do conhecimento.

Neste sentido, a relação professor-aluno influencia no próprio processo ensino-aprendizagem, pois dependendo da qualidade desta relação existirá mais participação, mais entusiasmo, mais vontade e conseqüentemente mais desenvolvimento.

A ação e atitude do professor têm um impacto e uma influência no processo de ensino-aprendizagem do aluno imensa, e não se pode aceitar que exista uma ação pedagógica que seja neutra. Freire (1996) que,

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca [...]. (FREIRE, 1996, p. 73).

Paulo Freire (1996), em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, também deixa clara a influência da afetividade na ação pedagógica. A afetividade está presente, quando Freire prioriza nas práticas pedagógicas o cuidado, o respeito, o amor, a amizade, a promoção, o interesse e a valorização dos educandos.

O educador que é dedicado, generoso, que tem compromisso com a mudança de seus alunos, que respeita suas diferenças, suas dificuldades, segundo Freire, desenvolve uma relação de afetividade com seus alunos. “Às vezes mal se imagina o que pode passar a representar um simples gesto de um professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo”. (FREIRE, 1996, p. 47).

Durante meu estágio, pude constatar através da prática o que trago aqui na teoria, ou seja, que a boa convivência entre professor e alunos, com respeito e afetividade, influencia significativamente no desenvolvimento dos sujeitos. Apresento situações que demonstram que quando valorizadas as pessoas se tornam mais sociáveis e confiantes, e conseqüentemente mais atuantes, desenvolvendo seu modo de perceber e transformar os novos conhecimentos.

3 EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO

Durante meu estágio, em turma da etapa II da Educação de Jovens e Adultos, pude comprovar a importância de um bom relacionamento em sala de aula, entre o professor e os alunos, e entre os próprios alunos.

Nesta turma, na sua maioria formada por adultos mais velhos, entre 24 e 59 anos, fiz o possível para desenvolver atividades que além de trazer conhecimento, fossem significativas para os alunos.

Nos primeiros dias fiquei um pouco surpresa, pois nunca havia trabalhado com a Educação de Jovens e Adultos. Estava acostumada a espontaneidade das crianças, com suas risadas e o seu barulho. Naquela sala havia silêncio “pesado”, sentia-se que aquelas pessoas não estavam à vontade naquele ambiente. Tinham receio de falar, sentavam-se distantes uns dos outros, e mal se olhavam.

Essa postura dos alunos me remeteu aos textos de Oliveira (1999), onde a autora coloca a situação dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, como pessoas que se sentem excluídas, fora de uma situação normal, atrasadas, inferiores e extremamente inseguras em relação ao ambiente escolar.

Isso fez com que eu me dedicasse mais, refletisse sobre essas pessoas e em como poderia melhorar sua auto-estima. Pois independente da fase que esteja vivendo, o ser humano está convivendo em grupos diversificados de pessoas que, contribuem todo momento na construção de sua auto-estima.

Foram dias bem difíceis, onde cada movimento era calculado, a fim de respeitar suas individualidades e ao mesmo tempo tentar quebrar um pouco aquele gelo.

Foi introduzido, então, no ambiente de sala de aula o chimarrão, bebida típica gaúcha, que circulava entre os alunos durante a aula. Essa iniciativa, que parecia tão corriqueira e simples, foi um divisor de águas. Aquele hábito começou a

desacomodá-los de seus lugares tão fixos e seguros. Os alunos iniciaram um processo de reconhecimento do ambiente e das pessoas que ali conviviam.

Apesar de muito lentamente, nossa sala de aula estava se tornando um grupo. Procurando atingir a todos, desenvolvemos um projeto que chamamos “Saúde, física e mental”. E, com o objetivo de envolver os alunos, tornando-os mais participativos e confiantes, fazendo-os compreender o quanto são capazes, propus a turma trabalharmos em grupo e em atividades que fossem por eles sugeridas.

Muitos foram os momentos em que aprendemos todos, com a busca conjunta e as trocas que aconteciam. Muitas eram as experiências de vida e saberes desses sujeitos, que foram compartilhadas pouco a pouco.

Durante o desenvolvimento do nosso projeto, começamos a estudar os chás e as plantas medicinais. Todos colaboraram muito, trazendo para a aula alguns exemplares, relatando alguma experiência ou pesquisando seus benefícios para a saúde. Surgiu daí, muitos relatos sobre remédios caseiros, a base de plantas, principalmente das alunas mais velhas, mães de família, algumas já avós, mulheres de pouca renda e muita luta pela sobrevivência. E então, a turma resolveu preparar na escola o “xarope de babosa”.

Aproveitando seus saberes e seu interesse, realizamos a atividade. E a partir dela buscamos vários outros conhecimentos e novos saberes.

Paulo Freire (1999) coloca a importância de darmos valor aos conhecimentos que os alunos trazem da sua trajetória de vida. “Educar exige respeito aos saberes dos educandos. É valorizar e qualificar a experiência dos educandos e aproveitar para discutir os problemas sociais e ecológicos, a realidade concreta a que se deva associar a disciplina [...]”. (FREIRE, 1999, p, 33-4).

A mobilização foi geral. Mas, o especial nesse fato não foi a receita, nem o fato de ela ter sido feita na escola. O especial foi a união da turma, o afeto demonstrado por todos, a parceria, as amizades que se formaram a partir daquele momento, tornando aquele grupo a partir dali mais forte e seguro.

Trabalhando com um tema e com uma prática que era muito significativa para a turma, pois fazia parte do seu dia-a-dia, expandimos os conhecimentos, integrando as disciplinas e estudando diversos outros temas que surgiram a partir deste.

Depois daquela noite, os alunos ficaram mais falantes, mais entrosados, e posso afirmar que até mais felizes. Todos se sentiram valorizados, importantes, pois demonstraram ali, naquela atividade tão simples, que eram capazes.

Quando o aluno alcança seu objetivo, tem sucesso na sua tarefa, isso reforça os bons sentimentos. A cada sucesso alcançado, o aluno se vê mais competente. Sua capacidade de enfrentar desafios vai aumentando.

O aluno que acredita em si se torna mais saudável psicologicamente, ao contrário daquele que tem uma visão negativa de si, pois se acha um derrotado, um incapaz, e teme situações que possam expor seus pensamentos e sentimentos. E cabe ao professor promover condições para que esse sucesso seja alcançado:

É a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. [...] A competência técnica científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas. Essa postura ajuda a construir o ambiente favorável à construção do conhecimento onde o medo do professor e o mito que se cria em torno de sua pessoa vão sendo desvelados. (FREIRE, 1999, p. 11).

A partir desta prática, com os laços de amizade e de companheirismo firmados, nossas aulas se tornaram muito melhores. Os alunos perderam o medo de falar e errar e perceberam que suas diferenças não eram um empecilho, e sim um fator que seria importante no seu crescimento. Todos passaram a se ajudar, criou-se um ambiente de colaboração e entusiasmo.

Um ambiente organizado, agradável e positivo, onde as pessoas cultivam bons sentimentos, auxilia no processo de desenvolvimento e aprendizagem dos sujeitos. Vygotsky (2010) coloca que as possibilidades que o ambiente proporciona ao indivíduo são fundamentais para que este se constitua como sujeito lúcido e consciente, capaz, por sua vez, de alterar as circunstâncias em que vive:

Na teoria sociointeracionista de Vygotsky, encontramos uma visão de desenvolvimento humano baseada na idéia de um organismo ativo cujo pensamento é constituído em um ambiente histórico e cultural: a criança reconstrói internamente uma atividade externa, como resultado de processos interativos que se dão ao longo do tempo. (MARTINS, 1997, p. 111-12).

Assim igualmente acontece com os adultos, que passam a usar um conceito que aprendeu no social, ampliando sua compreensão quando o interiorizar e pensar sobre ele.

Diante de situações em que precisa manipular conceitos e realidades que já conhece para chegar a novos saberes, o aluno elabora respostas e chega a resultados que lhe permitem alcançar novos níveis de conhecimento. Para Vygotsky (2010), é na interação entre as pessoas que em primeiro lugar se constrói o conhecimento, que depois será interiorizado.

Wallon (2010) também, em sua teoria, defende que a construção do eu depende essencialmente do outro e das interações do sujeito com o meio. A proposta walloniana põe o desenvolvimento intelectual dentro de uma cultura humanizada. A afetividade, o movimento e o espaço físico se encontram no mesmo plano, pois a pessoa é vista como um todo.

Em uma sala de aula, Wallon (2010) coloca o movimento e interação como fundamentais ao surgimento das emoções e de pensamentos, extremamente necessários para o desenvolvimento completo da pessoa. Os temas e as disciplinas desenvolvidas em sala de aula não devem se restringir a trabalhar o conteúdo, mas a ajudarem a descobrir o eu de cada um.

A partir desses conceitos, comprovei que esse é o ambiente ideal para a aprendizagem, um lugar onde as pessoas se sintam bem, onde “é bom” estar, provando que a cognição e o afeto devem andar juntos para o melhor desenvolvimento dos sujeitos.

O afeto nas relações professor/alunos melhora a auto-estima, proporcionando assim condições do educando adquirir maior segurança em si próprio, percebendo seu potencial e capacidade, o que influencia diretamente no processo de aprendizagem.

Trago a seguir a pesquisa efetuada com os alunos da EJA desta escola. Essa pesquisa evidencia a importância de sentimentos como respeito, carinho, compreensão, paciência, amizade, entre outros, no ambiente de sala de aula. Mostrando novamente a importância da afetividade nas relações, e a influência do afeto na aprendizagem e na educação.

4 PESQUISA: RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NAS SALAS DE AULA DA EJA

A partir das considerações até aqui colocadas, achei apropriado realizar uma pesquisa, objetivando verificar como se dá a relação professor-aluno nas salas de aulas da Educação de Jovens e Adultos, em uma escola do município de São Leopoldo – RS.

Essa foi realizada em duas turmas da EJA, das etapas II e IV, com 29 (vinte e nove) alunos, com idades entre 15 e 59 anos, no mês de outubro de 2010, durante o mês de setembro de 2010.

É importante ressaltar, que o pequeno número de alunos participantes da pesquisa se dá, pois é comum nas turmas de Educação de Jovens e Adultos os alunos desistirem dos estudos durante o ano. Se tivéssemos feito essa pesquisa no início do ano, quando essas turmas estavam cheias, teríamos aproximadamente 55 (cinquenta e cinco) questionários respondidos.

Na apuração dos dados obtidos, chegamos aos resultados abaixo, que serão apresentados em percentuais. Nas questões em que os alunos poderiam responder com mais de uma alternativa, os percentuais serão apresentados como quantitativo do total escolhido na questão.

Na primeira questão, onde os alunos podiam optar por diversas respostas, apontando como era a relação professor/aluno na sua sala de aula, a estatística foi a seguinte: 86,2% responderam que na sua sala de aula, na relação professor/aluno existia respeito, 75,9% responderam amizade, 41,4% responderam existir paciência, 20,6% carinho, 20,6% autoridade, 6,8% amor, 3,3% rigor e 3,3% indiferença.

Quando foram abordados sobre e que gostariam que existisse a mais em sua sala, na segunda questão, os alunos responderam da seguinte maneira: 41,4%

responderam que gostariam que houvesse mais respeito, 34,48 gostariam de mais paciência, 31% mais autoridade, 17,3% mais carinho, 13,8% mais amizade, 10,3% mais rigor, e 6,9% responderam outras opções, acrescentando que “está bom assim” ou “não falta nada”.

Na terceira questão, avaliando o(s) professor(es), os alunos da EJA responderam desta forma: 48,3% responderam que o professor é muito bom, 37,9% acham o professor bom, e 13,8 o avaliam como razoável.

Quando perguntados na questão seguinte, de número quatro e de escolha múltipla, como poderia ser seu professor, os alunos responderam: 41,4% responderam que o professor poderia ser mais amigo, 31,03% responderam mais rigoroso, 27,6% mais paciente, e 6,9% pensam que o professor deve continuar como está.

Na quinta questão os alunos fazem uma análise de seu desempenho, chegando aos percentuais abaixo: 58,6% acreditam que seu desempenho como aluno é bom, 20,7% muito bom, e 20,7% se consideram alunos razoáveis.

Respondem na sexta questão, que sua relação com o professor é: 48,4% boa, 44,8% muito bom, e 6,8% aceitável.

Ao compararem, na questão seguinte, o professor com alguém, 58,6% o comparam com um amigo, 20,8 com um conhecido, 13,8 com o patrão, e 6,8 com pai ou mãe.

Questionados se sua relação com o professor influencia no seu rendimento nos estudos, os alunos responderam com esse percentual: 69% responderam que sim, 17,2% responderam que influencia um pouco, e 13,8% responderam que não influencia.

Na nona questão os alunos responderam se o modo de ser do professor influencia a vontade de estar na aula. A esta pergunta, eles responderam desta maneira: 79,3% responderam que sim, 17,3% que um pouco, e apenas um aluno, totalizando neste caso 3,4% respondeu que não influencia.

Quando perguntados se o bom ambiente em sala ajuda sua aprendizagem, os alunos da EJA responderam: 89,7% disseram que sim, o bom ambiente ajuda na sua aprendizagem, 10,3% responderam que ajuda um pouco, e nenhum aluno foi de opinião que o bom ambiente na sala de aula não ajuda. Isso vem provar a enorme importância de se manter um ambiente escolar saudável, amigável e afetivo,

tornando melhor a relação entre os sujeitos que ali se encontram, e consequentemente auxiliando no desenvolvimento dos mesmos.

A última questão foi aberta para que os alunos expressassem sua opinião sobre os professores, alunos e sobre a relação professor/aluno. Abaixo estão algumas dessas colocações:

“Somos muito amigos, respeitamos um ao outro”³.

“Eu respeito todos os professores. O professor deve ser compreensivo com os alunos e os alunos com o professor.”

“Os alunos devem ter respeito com os professores”.

“Professores e alunos tem que trabalhar juntos, com respeito, isso é muito importante para o relacionamento”.

“Eu acho que alguns professores podiam ser mais humildes com a gente, assim ia ser melhor, eu ia gostar mais de estar nas aulas. Mas não são todos, alguns são muito legais”.

“Somos amigos até certo ponto, sempre com respeito, cada um no seu lugar”.

“Poderia ter mais hierarquia. Professor como professor e aluno como aluno, cada um se portar como tal”.

“Meu relacionamento com a professora influencia muito meu rendimento escolar”.

“Acho o relacionamento com alguns professores maravilhoso. Mas tem outros que não, não respeitam os alunos. Gostaria de receber mais respeito. E os alunos também deviam se respeitar e respeitar os professores”.

“Quando tem amizade entre o professor e o aluno, o aluno tem melhor desempenho nas atividades da escola”.

“Ser professor não é muito fácil. Cada aluno tem um jeito, e o professor tem que se entender com todos, isso é muito cansativo”.

“Tem uns professores que são bons e outros que são ruins”.⁴

Analisando as respostas dos alunos, como esses se colocam em relação aos professores, ao ambiente que encontram na escola, nas suas salas de aula, e no valor que esses dão a qualidades como o respeito, a paciência e amizade, fica clara a importância do bom relacionamento entre professor/aluno.

Quando quase 90% dos alunos acreditam que o bom ambiente escolar ajuda no seu desenvolvimento, auxilia sua aprendizagem, me parece incontestável afirmar que a afetividade está presente nesta relação, colaborando para esse clima harmonioso e amigável entre os sujeitos que convivem neste ambiente.

Segundo a teoria de Wallon (2010), as emoções dependem fundamentalmente da organização dos espaços para se manifestarem. Então estando os alunos, sejam crianças ou adultos, em um ambiente agradável, onde se

³ No momento da pesquisa foi combinado com os alunos que esses não precisariam se identificar.

⁴ A ortografia das frases acima citadas foi corrigida, não alterando o sentido das mesmas.

sintam bem, esses se tornarão mais afetivos e suas emoções serão positivas, auxiliando assim a sua aprendizagem.

Vygotsky (2010) salienta que as possibilidades que o ambiente proporciona ao indivíduo são fundamentais para que este se constitua como sujeito lúcido e consciente, capaz, por sua vez, de alterar as circunstâncias em que vive.

Os alunos da EJA, como as crianças que frequentam as séries iniciais do ensino regular, independente de toda a sua experiência de vida, são sujeitos que precisam de um olhar especial. Necessitam de muita atenção e cuidado, pois o desafio que enfrentam de voltar a uma sala de aula após tantos anos é muito grande.

A necessidade que esses alunos têm de atenção pode ser vista nas respostas dadas na questão de número dois, quando mais de dez por cento deles afirmam que gostariam que na sua sala de aula houvesse mais rigor. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas por esses adultos, eles desejam ser cobrados. Como crianças, querem mais rigor nos horários, nos deveres de casa, na correção dos cadernos. Pois como destaca Morin (2005)

Cada idade tem suas verdades, suas experiências, segredos. [...] Contudo, através da multiplicidade sucessiva, das idades, cada um, sem perceber, carrega, presente em todas as idades, todas as idades. A infância e a adolescência não desaparecem na idade adulta, mas são recessivas; a infância reaparece nos jogos; a adolescência nos amores e nas amizades; também o velho guarda as idades anteriores e pode facilmente voltar a adolescência e a infância. (MORIN, 2005, p. 85-6).

Cabe ao professor, perceber as carências de seus alunos, suas inseguranças, e proporcionar a esses, condições para que se desenvolvam como cidadãos. Fazendo-os se sentirem incluídos e capazes, em um ambiente de afetividade, solidariedade e muito diálogo.

Porque nós estamos na educação formando o sujeito capaz de ter história própria, e não história copiada, reproduzida, na sombra dos outros, parasitária. Uma história que permita ao sujeito participar da sociedade. (DEMO, 2000, p. 63).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho, foi possível refletir e confirmar que a relação professor/aluno é fundamental no processo de aprendizagem.

A partir desta pesquisa, constatamos que a afetividade, em sala de aula e na relação entre professor e alunos, está ligada e influencia de maneira significativa a aprendizagem. Os sentimentos que surgem destas relações, quando positivos, aumentam a auto-estima dos educandos, alterando seu modo de pensar e de agir, proporcionando a partir daí um maior desenvolvimento no processo de aquisição dos conhecimentos.

Neste sentido, o professor tem um papel muito importante neste processo, sendo um mediador, um orientador, não apenas responsável pela educação, mas também em manter uma relação positiva, baseada na confiança, no respeito com seus alunos.

O professor que tem entusiasmo, que é otimista, que acredita nas possibilidades do aluno, é capaz de exercer uma influência benéfica na classe como um todo e em cada aluno individualmente, pois sua atitude é estimulante e provocadora de comportamentos ajustados. O clima da classe torna-se saudável, a imaginação criadora emerge espontaneamente e atitudes construtivas tornam-se a tônica do comportamento da aula como grupo. (PILETTI, 1989, p. 19.)

Wallon (2010) e Vygotsky (2010), em suas teorias, acreditam que os sujeitos se desenvolvem em contato com o meio, pois são o resultado de influências sociais e fisiológicas. Ambos assumem que a afetividade, neste sentido, é importantíssima para o desenvolvimento dos sujeitos, crianças ou adultos.

Diante disso, a escola deve ser um ambiente agradável aos alunos, um lugar aberto ao debate, que considere e respeite esses alunos com suas diferenças e particularidades. Um lugar onde se promova a afetividade e os sentimentos

positivos. Com organização e pessoas comprometidas, capazes de perceber a importância da afetividade no processo de aprendizagem.

É importante percebermos que o funcionamento do ser humano não é baseado apenas nos aspectos cognitivos, mas também nos sentimentos e emoções que formam seu pensamento.

O aluno que apresenta em suas características, estados emocionais positivos, que goza de boa auto-estima, é mais seguro, mais confiante, mais alegre, apresenta conseqüentemente um melhor desempenho em sala de aula. Por outro lado, aquele com baixa auto-estima, que se isola, que se sente inferior, não obtêm os mesmos resultados.

Portanto, devemos ter em mente que educar não significa apenas se preocupar em desenvolver conteúdos com nossos alunos, mas estarmos atentos a dimensão emocional e afetiva das pessoas que estão presentes em nossas salas de aula.

Segundo Menezes (2000, p. 13), “a boa educação é aquela que promove gostosamente a diferença humana, preparando para a vida”. E assim deve ocorrer, o professor valorizando seus alunos, promovendo o bom relacionamento, uma educação de aprendizagens significativas, onde os alunos se sintam motivados, acolhidos e capazes:

Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural. Reconhecer a qualidade do outro é um ato afetivo de qualificação e de promoção. Facilitar o crescimento, da mesma forma é um serviço de amor e de dedicação. Para permitir e facilitar um processo de formação do educando é necessário esta mobilização afetiva sem a qual este processo não acontece. A capacidade de amar é o fundamento do processo de assumir e de assumir-se. (FREIRE, 1996, p. 46).

Mesmo no caso da Educação de Jovens e Adultos, onde os alunos já são trabalhadores, chefes de família, com uma imensa bagagem de vida, o professor se torna em muitos casos um exemplo. Mais do que nunca então, o professor precisa preservar a harmonia no ambiente de sala de aula, tornando possível que seus alunos sintam prazer na realização das atividades, e se sintam seguros de demonstrar seus sentimentos.

O professor deve ser mais sensível ao que se passa neste ambiente, e aos sentimentos que brotam das relações em sala de aula, deve compreender que também depende de suas atitudes o desenvolvimento dos seus alunos. Segundo

Paulo Freire (1999), “O que importa na formação docente é a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser ‘educado’, vai gerando a coragem”. (FREIRE, 1999, p. 50).

Concluo, então, afirmando que a afetividade e os sentimentos são fundamentais em qualquer ambiente de convivência, inclusive na sala de aula. O afeto é o princípio norteador da auto-estima. Depois de desenvolvido o vínculo afetivo, a aprendizagem, a motivação e a aprendizagem dos alunos acontece com mais tranquilidade. A relação professor/aluno será mais agradável, em um clima de prazer, acolhimento, alegria e companheirismo, onde as trocas acontecerão naturalmente e os resultados serão marcantes e especiais.

REFERÊNCIAS

ARBACHE, Ana Paula Bastos. **A formação do educador de pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2001.

BECKER, Fernando. **A epistemologia do professor**. O cotidiano da escola. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BIBLIOGRAFIA, Frases e Poesias de Cora Coralina. Disponível em: <http://vilaboadegoias.com.br/cora_coralina/poemas_de_cora_coralina.htm> Acesso em: 15 out. 2010.

CARVALHO, Dieikson de. **A importância da afetividade na construção do conhecimento através do processo de ensino-aprendizagem**. Minas Gerais: UFLA, 2009.

DAMÁSIO, Antonio R. **O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano**. Tradução de Dora Vicente. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DAMÁSIO, Antonio R. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DEMO, Pedro. **Política social do conhecimento**. São Paulo: Vozes, 2000.

DICIONÁRIO Aurélio Online. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/>> Acesso em: 12 out. 2010.

FERRARI, Marcio. Henri Wallon – o educador integral. Revista Nova Escola. Abril.com. jul. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/educador-integral-423298.shtml>> Acesso em: 14 out. 2010.

FERRARI, Marcio. Lev Vygotsky. Revista Educar para Crescer. Abril.com. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/lev-vygotsky-307440.shtml?page=page2>> Acesso em: 19 set. 2010.

FONSECA, Solange Gomes. Cognição e afetividade em sala de aula da EJA. 2010. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/2226237>> Acesso em: 14 out. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GIROUX, Henry A. Alfabetização e a pedagogia do empowerment político. In: FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p.1-27.

HAYWOOD, Kathleen M.; GETCHELL, Nancy. **Desenvolvimento motor ao longo da vida**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEITE, Sergio Antonio S. **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LUSTED, David. Why pedagogy? 1986. In. GIROUX, Henry A. **Alfabetização e a pedagogia do empowerment político**. São Leopoldo: PEAD. FAGED. UFRGS, 2010.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MENEZES, Luis Carlos. Os novos Rumos da Educação. **Revista Impressão Pedagógica**, Campinas, São Paulo, v. 2, n. 1, mar./abr. 2000.

MORIN, E. **A humanidade da humanidade**. A identidade humana. Tradução de Juremir Machado da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PALACIOS, Jesus. O desenvolvimento após a adolescência. In: _____. COLL, C.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 263- 272.

PILETTI, Cláudio. **Didática geral**. Rio de Janeiro: Ática, 1989.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Secretaria Municipal de Educação. **Falando de Nós: o SEJA, Pesquisa participante em Educação de Jovens e Adultos**. Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Secretaria Municipal de Educação, 1998.

QUERUBIN, Docimar. **Educação de Adultos, a experiência dos metalúrgicos do Programa Integrar/RS**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

SANTOS, Fernando Tadeu. Pedagogia: Henri Wallon. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/henri-wallon-307886.shtml?page=page2> > Acesso em: 19 set. 2010.

TAIAR, Eunice Martines de Moura. A importância da afetividade para o aprendizado da criança. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/17619/1/A-IMPORTANCIA-DA-AFETIVIDADE-PARA-O-APRENDIZADO-DA-CRIANCA/pagina1.html#ixzz0zyTgYKtt>> Acesso em: 19 set. 2009.

TEORIA da aprendizagem: Vygotsky. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Teorias_da_aprendizagem > Acesso em: 19 set. 2010.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 12, set./out./nov./dez. 1999.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS DA EJA

Esta é uma pesquisa sobre a relação professor/alunos, que está sendo realizada para o Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Educação de Jovens e Adultos – 2010

EJA Etapa:..... Idade:..... Sexo:.....

- 1) Na minha sala de aula, na relação professor/aluno existe:** *escolha múltipla*
- () rigor () respeito () indiferença () carinho () autoridade () amizade
() amor () paciência () Outros.....
- 2) Eu gostaria que tivesse mais:** *escolha múltipla*
- () rigor () respeito () indiferença () carinho () autoridade () amizade
() amor () paciência () Outros.....
- 3) Como você avalia seu professor:**
- () bom () razoável () ruim () muito bom
- 4) Seu professor poderia ser:** *escolha múltipla*
- () mais amigo () mais paciente () mais rigoroso () mais rude
() Outros.....
- 5) Seu desempenho como aluno é:**
- () bom () razoável () ruim () muito bom
- 6) Sua relação com o(a) professor(a) é:**
- () boa () aceitável () ruim () muito boa
- 7) Se você fosse comparar seu professor(a) com alguém, com quem seria?**
- () pai/mãe () patrão/patroá () amigo(a) () conhecido(a) () inimigo(a)
- 8) Sua relação com seu professor influencia seu rendimento nos estudos?**
- () sim () não () um pouco

9) O modo de ser de seu professor influencia sua vontade de estar e participar da aula?

sim não um pouco

10) O bom ambiente em sala de aula ajuda a sua aprendizagem?

sim não um pouco

11) Escreva o que você pensa do relacionamento professor/aluno: